

Entrevista

Agnaldo Farias.

Crítico e curador

“Tomie continua surpreendendo”

CARLOTA CAFIERO

DA REDAÇÃO

Com seu jeito discreto e econômico de dizer as coisas e seus gestos largos na pintura, Tomie Ohtake conquistou o reconhecimento do público e da crítica e, hoje, no alto de seus 100 anos de idade, completados no último dia 21, ela recebe as honras e homenagens em uma espécie de festa expandida que vem desde fevereiro deste ano, com a realização de exposições que reúnem a extensa produção da artista nipo-brasileira.

Um dos críticos seduzidos pela imensa contribuição de Tomie para as artes visuais brasileiras é o mineiro Agnaldo Farias, de 58 anos, que realizou curadorias de mostras da artista para o Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, e outros espaços.

Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Agnaldo a conhece desde o início da década de 90, por meio do arquiteto e filho de Tomie, Ricardo Ohtake, que a apresentou enquanto ela circulava por uma exposição de outro artista, na Capital, sempre generosa e curiosa em relação à produção dos colegas.

Entre fevereiro e agosto deste ano, Farias organizou, ao lado de Paulo Miyada, as duas exposições que abriram as comemorações do centenário da artista no instituto em São Paulo: Tomie Ohtake – Correspondências e Influxo das Formas.

Na quinta-feira, foi inaugurada a terceira e última mostra do ano dedicada ao trabalho de Tomie no instituto: Gesto e Razão Geométrica, sob curadoria do crítico Paulo Herkenhoff, com 60 pinturas de mais de 50 anos de produção.

A exemplo de outro centenário, o arquiteto Oscar Niemeyer (1907-2012), que marcou várias gerações com seus projetos de formas sinuosas, Tomie também soube alimentar o interesse e o debate coletivo com suas grandes esculturas públicas – são mais de 50, espalhadas pelo Brasil.

Ativa em sua casa-ateliê na zona Sul de São Paulo, ela está projetando mais uma escultura pública, esta sob encomenda da artista plástica Yoko Ono – como revelou Ricardo Ohtake, em entrevista para a Tribuna, na última quinta-feira. A viúva de John Lennon se encantou com Tomie e fez questão de convidá-la para homenagear o ex-Beatle.

Farias, que foi o responsável por revelar os primeiros projetos de esculturas de Tomie ao grande público, na sala especial dedicada à artista na 23ª Bienal de São Paulo (1996), já viu a maquete da obra e disse estar uma “beleza”. Ele adianta que o projeto é caro e necessitará de patrocínio. Leia, abaixo, entrevista com o crítico.

Você conhece Tomie Ohtake há 23 anos. Ela continua te surpreendendo?

Sempre. Ela é extraordinária.



PEDRO SETUBAL/DIVULGAÇÃO

“Ela é uma observadora perspicaz, mas muito econômica. Está sempre rodeada de silêncio”

Em Nova Iorque?

Não sei, mas os Ohtake conseguem isso.

Qual é a presença da obra da Tomie no mundo?

Nesse sentido, há muito trabalho a ser feito. Ela está em coleções japonesas, como no Museu de Arte Contemporânea de Tóquio, que comprou uma escultura dela e colocou na entrada. Também tem obras nos Estados Unidos e já fez exposições fora do Brasil, mas isso vai se intensificar, porque não havia muito interesse pela arte brasileira, mas isso está crescendo. As pessoas estão descobrindo a obra da Tomie, pois foram publicados muitos livros sobre ela e isso está ajudando na divulgação de sua obra. Pessoas do mundo inteiro vêm percebendo a densidade da contribuição dela para a arte. O próximo passo é a internacionalização de sua obra, assim como a de Iberê Camargo e de outros grandes artistas. Se bem que esse reconhecimento internacional começou mesmo com Hélio Oiticica, Lygia Clark, Mira Schendel e Lygia Pape. É um processo que está se intensificando.

Por que esse processo é tão demorado?

Porque o País não tem uma política de divulgação de seus artistas. Isso acontece mais por iniciativa ou dos próprios artistas ou das fundações ligadas a eles. Diferentemente do que acontece na Venezuela e no México, que divulgam muito bem seus artistas e suas obras.

“Artistas cujo trabalho nada tem de burocrático tiram da arte a sua fonte de vida”

Para se ter uma ideia, eu faço visitas regulares a ela, nos famosos almoços de domingos. Eu tinha ficado três meses sem aparecer este ano, quando fui visitá-la e tinha uma parede cheia de trabalhos novos. Uma meia dúzia de telas prontas, mais umas cinco em processo. É uma produção cotidiana. Hoje em dia, como ela está com mais dificuldade de mobilidade, colocou uma cama no ateliê, de maneira que fica ali mesmo, o tempo inteiro.

Ela costuma consultá-lo sobre as novas obras?

Ela sempre está interessada em discutir comigo, me questionando se eu não estou sendo condescendente. Tomie quer críticas. Como se precisasse de alguma opinião para realizar o trabalho dela.

Você conhece algum outro artista com idade tão avançada produzindo?

Deve existir. A Louise Bourgeois (1911-2010) foi tão longeva como a Tomie, e trabalhou incessantemente até o fim. Mas ela tinha um certo sentido de urgência. Por isso, não dava entrevistas e não costumava receber as pessoas, só queria trabalhar. A Tomie é mais sociável. Mas deve haver muita gente em idade bastante avançada produzindo, porque o tra-

balho é uma fonte de energia. Artistas cujo trabalho nada tem a ver com a atividade burocrática, mecânica, tiram da arte a sua fonte de vida.

Tomie sempre foi econômica com as palavras?

Sempre. É uma observadora aguda e perspicaz, mas muito econômica. Os gestos dela são muito bonitos, e a maneira que ela se coloca é sempre rodeada por um certo silêncio, mas um silêncio cheio de sorrisos, de amabilidade. É muito amiga dos artistas. Antes de eu ser apresentado a ela, eu sempre a encontrava em exposições. A primeira vez que a vi foi no final dos anos 80, numa mostra da Leda Catunda, que era então uma jovem artista.

Você conhece o projeto da escultura pública que Tomie está idealizando com a Yoko Ono, em homenagem a John Lennon?

Sim. O projeto já existe. Eu vi a maquete e é uma beleza. A Yoko ficou fascinada. Aliás, ela ficou entusiasmadíssima quando soube da existência da Tomie e foi visitá-la em São Paulo. A afinidade foi tão grande que resultou nesse projeto em conjunto. Mas ele é caro e envolve patrocínio. Porém, por ambas serem muito consagradas, o projeto vai ser realizado. É uma questão de tempo.



DENISE ANDRADE/DIVULGAÇÃO

Por que você acha que os estrangeiros estão com o olhar mais atento para o Brasil?

Isso é um processo de 20 anos para cá. Começou pela obra de Hélio (Oiticica) porque ele foi um revolucionário e não é fácil encontrar um. A partir disso, *marchands* e colecionadores passaram a se dar conta dos talentos brasileiros. Eles foram vindo para cá para adquirir uma obra de qualidade com valor muito mais baixo, pois museus e instituições de arte crescem na medida em que descobrem valores. O Brasil é a bola da vez nesse sentido, porque a arte daqui tem qualidade, tem produção e ainda é desconhecida.

Voltando à Tomie, existe, para você, algum período do trabalho dela que seja mais significativo?

Todos. O começo dela foi muito impactante. Ela começou fazendo uma pintura abstrata com resultado do mais alto interesse. O trabalho tinha relação até com procedimentos surrealistas. Em seguida, ela começou a geometrizá-la o trabalho. Quando parte para a geometria, o trabalho em cor começa a ficar muito sofisticado, isso em meados dos anos 60 até o meio da década de 70, onde ela leva a abstração geométrica tocada pelo lirismo a um ponto muito avançado, como pouca gente levou, talvez (Alfredo) Volpi. Há uma outra grande renovação nos anos 80, quando a pintura dela fica com um tipo de textura e acabamento que o (coleccionador) Miguel Chaia chama de “cósmico”, pois se parece com nebulosas. As obras passam a ficar muito mais atmosféricas e avançam nos grandes formatos. São trabalhos muito impressionantes. Tomie faz grandes telas até os anos 90.

É nesse período que ela começa a fazer grandes esculturas?

A grande surpresa, da década de 90 em diante, sem Tomie nunca abandonar a pintura, é a carga bem enfática que ela dá no campo da escultura. Até então, tinha feito algumas esculturas, mas eram entradas episódicas, não eram sistemáticas. Precisamente em 1996, na Bienal de São Paulo, onde eu era curador-adjunto do Nelson Aguilar, ela ganhou uma sala especial onde apresentou só esculturas, e aquilo foi um choque. Ninguém imaginava que Tomie faria esculturas. Santos tem uma muito importante, que é dos anos 2000 (inaugurada em 2009, no Parque Municipal Roberto Mário Santini). Mas ela continuou produzindo pintura ao lado de toda a produção escultórica, pois sempre esteve muito madura, segura e insatisfeita nesse campo pictórico.

Espera mais alguma coisa de Tomie?

Nunca se sabe o que esperar de Tomie. Ela segue sempre surpreendendo.

“O próximo passo é a internacionalização da obra da Tomie. Há muito trabalho a ser feito”